



REDE, PRA QUE TE QUERO: UM PROJETO DE ENSINO APRENDIZAGEM

¹Shirlane Pantoja da Silva, ²Marcilene da Silva Nascimento Cavalcante, ³Lesly Diana Pimentel Yong.

¹Instituto de Natureza e Cultura- INC/Universidade Federal do Amazonas- UFAM/Câmpus Benjamin Constant.

RESUMEN

Hamaca, para que te quiero: un proyecto de enseñanza y aprendizaje

Este artículo es resultado de las orientaciones realizadas a los cursistas del Programa Escuelas Interculturales de Frontera - PEIF desarrollado en los municipios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant y Tabatinga, en el Amazonas, región Norte del Brasil. Tras el periodo de formación de los cursistas el programa tuvo como propuesta, en esta fase inicial de implantación, desarrollar actividades didácticas en el aula con enfoque intercultural. Se trabajó por lo tanto la propuesta de elaboración de proyectos de enseñanza y aprendizaje considerando que las aulas de las escuelas de frontera son constituidas por alumnos con culturas distintas. La metodología envolvió reunión con el equipo del PEIF, lecturas referentes a la interculturalidad, frontera, variaciones lingüísticas, proyecto de enseñanza y aprendizaje; realización de talleres para la elaboración del proyecto, aplicación gradual de este proyecto en la escuela. Los resultados obtenidos demostraron que el uso del proyecto en el aula con un enfoque intercultural trae una nueva dinámica pedagógica y permite la construcción de nuevos conocimientos de forma más humana.

Recebido em:
14.07.2016

Avaliado em:
01.08.2016

Aceito em:
01.08.2016

Palabras clave: Interculturalidad; PEIF; variaciones lingüísticas.

RESUMO

Este artigo é resultante das orientações realizadas aos cursistas do Programa Escolas Interculturais de Fronteira - PEIF desenvolvido nos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant e Tabatinga, no Amazonas, região Norte do Brasil. Após o período de formação dos cursistas o Programa teve como proposta, nesta fase inicial de implantação, desenvolver atividades didáticas em sala de aula com uma abordagem intercultural. Trabalhou-se, portanto, a proposta da elaboração de projetos de ensino-aprendizagem, considerando que as salas de aulas das escolas de fronteira são constituídas por alunos com culturas distintas. A metodologia envolveu reunião com a equipe do PEIF, leituras referentes à interculturalidade, fronteira, variações linguísticas, projeto de ensino-aprendizagem; realização de oficinas para elaboração do projeto, aplicação gradativa deste na escola. Os resultados alcançados demonstraram que o uso do projeto em sala de aula com uma abordagem intercultural traz uma nova dinâmica pedagógica, possibilita a construção de novos conhecimentos de forma mais humana.

Palavras-chave: Interculturalidade; PEIF; variações linguísticas.

Contato com autor(a)

Email: shipantoja@gmail.com/marciletrasbc@hotmail.com/leslydiana@ufam.edu.br

INTRODUÇÃO

O Programa Escolas Interculturais de Fronteira - PEIF iniciou as atividades na tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia, no segundo semestre de 2014, por meio da Universidade Federal do Amazonas em parceria com Secretarias de Educação dos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga e Atalaia do Norte, e com a participação de oito escolas vinculadas ao Programa Mais Educação. A equipe do Programa foi constituída por professores da Universidade Federal do Amazonas dos cursos de Antropologia, Pedagogia, Letras, Administração, funcionários da Secretaria de Educação dos respectivos municípios e escolas participantes, os quais desenvolveram os três módulos, assim definidos: Línguas, Interculturalidade e Acompanhamento Pedagógico.

Com os objetivos de assegurar a participação desta Universidade nas políticas públicas que visam à melhoria da qualidade da Educação Básica; capacitar docentes que atuam nas escolas fronteiriças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental nas redes municipais públicas e acompanhar o desempenho dos professores que receberam capacitação por essa Universidade, a equipe do PEIF organizou o Módulo III que visava o acompanhamento pedagógico aos Professores e Gestores das Escolas Municipais público-alvo das escolas de Benjamin Constant: CESBI, Cosme Jean e Sofia Barbosa das Escolas Municipais de Tabatinga: Ambrósio Bemerguy, João Ayres Cruz e Fábio Lucena e das Escolas Municipais de

Atalaia do Norte: Luciney Mello e Raimunda Galate com atividades presenciais e à distância.

O PEIF trouxe a proposta de implantar a perspectiva intercultural no projeto pedagógico das escolas e para tanto, era necessário, primeiramente realizar uma formação com os professores, gestores e estreitar as relações entre a Universidade e as escolas públicas participantes.

Nesse sentido, a leitura do material de apoio à formação foi muito pertinente para a compreensão da proposta apresentada. Foram textos bem selecionados e que esclareceram as dúvidas em muitos aspectos. Um dos mais interessantes abordava o processo de aplicação da Lei 11.645 de 10 de março de 2008, publicado no DOU de 11.03.2008, que altera a lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as bases da educação nacional, que objetiva incluir no currículo a obrigatoriedade do ensino da cultura Afro-brasileira e indígena.

Assim considerando essa nova realidade, três eixos temáticos foram desenvolvidos como subsídios para a formação dos cursistas. O primeiro eixo teve como foco principal as línguas e suas variações existentes na escola. O segundo eixo teve como abordagem teórica a interculturalidade e sua abordagem educacional.

O terceiro eixo compreendeu o acompanhamento pedagógico em uma dimensão teórico-prática, no tocante à elaboração do projeto de ensino-aprendizagem, em uma abordagem intercultural, com participação coletiva dos professores das escolas vinculadas ao programa e

equipe do PEIF. Esse acompanhamento pedagógico foi primeiramente realizado através de visitas às escolas e o propósito era verificar de que forma os professores estavam aplicando a proposta intercultural nas suas atividades de sala de aula.

A partir dessas visitas foi possível diagnosticar que havia muitas dúvidas por parte dos professores quanto à aplicação da proposta no cotidiano escolar. Sendo assim foram agendadas algumas oficinas com a finalidade de trabalhar as questões ainda pendentes quanto à elaboração dos projetos de aprendizagem e das sequências didáticas.

Nas oficinas, os professores contribuíram espontaneamente, e no transcorrer do processo, as ideias eram compartilhadas com o grupo, de tal maneira que inúmeras possibilidades de ação em nível conceitual, procedimental e atitudinal foram visualizadas. Na oficina foi socializado o projeto de aprendizagem elaborado pelas professoras formadoras da equipe da UFAM para que a partir desse projeto fossem pensadas alternativas pelos professores.

Esse artigo, portanto, traz algumas considerações sobre as experiências suscitadas no acompanhamento pedagógico, principalmente nas oficinas. Como embasamento teórico foram discutidos os conceitos de interculturalidade, de pedagogia de projetos e por fim, explicou-se de forma sucinta o projeto de aprendizagem elaborado pela equipe formadora.

Interculturalidade: uma possibilidade para o desenvolvimento de práticas educativas diferenciadas

Inicialmente, é interessante lembrar que o termo cultura apresenta uma diversidade de conceitos que variam de acordo com a área de conhecimento. Assim como na Sociologia, na Antropologia Linguística há diferentes teorias de cultura. A cultura como algo distinto da natureza, ou seja, “a cultura é algo que se aprende que se transmite que pode ser passado de uma geração para outra através das ações humanas, quase sempre em forma de interação mediante a comunicação linguística”, afirma Duranti (2000, p. 29).

Nessa abordagem, pode-se entender que todo ser humano possui cultura, deste modo, a horizontalidade das culturas possibilitará a superação hegemônica quando colocar em patamar de superioridade/inferioridade. Em outras palavras, não há cultura melhor ou pior que outras culturas, todas são diferentes e têm suas especificidades, entre elas, destaca-se a linguagem, considerada como a capacidade humana que se concretiza através de uma língua.

Os grupos sociais são constituídos de indivíduos que interagem entre si, principalmente utilizando-se de determinada língua como instrumento para o processo comunicativo. Essa comunicação, entretanto, não ocorre somente entre os membros de um único grupo social, mas entre vários grupos diferentes.

A horizontalidade é fortalecida em uma pedagogia dialógica que de acordo com Romão (2002, p.79-80) “[...] centra a aprendizagem não numa negação do ensino, mas numa relação dialética entre aprender e ensinar, com a precedência e a predominância do primeiro.” Isso significa dizer que nessa relação dialógica eliminam-se as assimetrias existentes entre os sujeitos do processo, pois cada um desenvolve diferentes papéis, porém com igual nível de importância.

Entretanto, teoricamente o reconhecimento da diversidade cultural não implica necessariamente numa convivência que anule as culturas, mas que promova o respeito e afirmação das identidades. Na prática, é necessário ir além do reconhecimento das diversidades, é preciso valorizar e integrar os diferentes para uma construção coletiva de saberes que possibilitem a interculturalidade.

De acordo com Pineda (*apud* SANTIAGO, AKKARI & MARQUES (2013, p. 27-28)

A perspectiva intercultural impõe radicais mudanças na organização do currículo e do planejamento escolar. Essa abordagem se refere a uma aprendizagem significativa, social e culturalmente situada, que promove uma proposta dialógica e de encontro entre membros de culturas diferentes, possibilitando atitudes que desenvolvam sentimentos positivos em relação à diversidade étnica, cultural e linguística.

Entende-se, dessa forma, que ensinar é um processo que envolve diferentes dimensões que começam no planejamento e vão até o momento da execução das atividades. Pensar a interculturalidade é pensar num “modo de ser e

agir, de ensinar e de aprender, de produzir planejamentos e materiais *culturalmente sensíveis* aos sujeitos participantes do processo de aprendizagem, em busca da construção de um diálogo intercultural,” declara Mendes (2008, p. 61). Isso significa dizer que a proposta de um ensino intercultural não consiste no desenvolvimento de atividades esporádicas sobre as datas comemorativas, como o dia do índio, dia do folclore ou da consciência negra, mas é uma filosofia que norteia toda a prática pedagógica.

Quando se refere ao termo culturalmente sensível Erickson (*apud* MENDES, 2008, p. 61) caracteriza como culturalmente sensível:

A pedagogia que considera as relações culturais/interculturais como parte do processo de ensino/aprendizagem; é um esforço que deve vir da escola, assim como de professores e envolvidos nos processos educacionais, no sentido de diminuir, através do respeito às diferenças culturais, as dificuldades de interação e comunicação entre professores e alunos.

Para tanto, é necessário, por vezes, a desconstrução de outras concepções formadas ao longo do processo de formação docente, pois a abordagem intercultural requer uma postura diferenciada, o que exige atitudes que favoreçam o diálogo amistoso entre os sujeitos culturais, o respeito às diferenças durante todo o processo de aprendizagem.

É importante, portanto, que não se pense apenas em materiais didáticos, conjunto de estratégias ou tipo de planejamento. “É necessário muito mais do que isso” afirma a professora Mendes (2008, p. 57). É imprescindível uma nova

postura que incentiva o respeito e a valorização das diferenças. Assim:

[...] é possível fazer com que ensinar e aprender culturas através da interação com pessoas de diferentes mundos culturais seja mais do que uma simples troca de informações e explicações vazias, mas fazer da experiência primeira que conforma a nossa existência uma construção conjunta, partilhada, feitas a muitas mãos. (MENDES, 2008, p. 68)

A partir dessa concepção pode-se dizer que a interculturalidade não é apenas uma proposta, é uma filosofia de vida, um princípio norteador que gera forças impulsoras para modificar velhas crenças e ações discriminatórias. Assim, entende-se que a melhor forma de incorporar essa perspectiva seja por meio de projetos.

A Pedagogia de Projeto

A palavra projeto é polissêmica, ou seja, tem vários sentidos que dependem dos diferentes contextos em que está inserida. Assim, é preciso ter clareza do significado aplicado à educação. Para a educação, o projeto é um planejamento bem elaborado que tem como finalidade a resolução de uma problemática existente. Muitas escolas estão desenvolvendo algum tipo de projeto, ou pelo menos, dizem que estão. O governo oferece muitos projetos na área da educação e disponibiliza as ferramentas necessárias para o desenvolvimento desses projetos. Há, portanto, certo modismo, com relação a isso. Mas, será que todos os projetos têm prévia preparação, seguem certos critérios, buscam resolver os reais problemas da comunidade escolar? Todo projeto deve ser pensado a partir das reais necessidades da escola e

deve seguir certas etapas para ser implantado com seriedade e compromisso conduzindo o estudante às diversas situações de aprendizagem significativa. Na opinião de Nogueira (2007, p. 27):

Os projetos, na realidade, são verdadeiras fontes de investigação e criação, que passam sem dúvida por processos de pesquisas, aprofundamento, análise, depuração e criação de novas hipóteses, colocando em prova a todo o momento as diferentes potencialidades dos elementos do grupo, assim como as suas limitações.

Em outras palavras, os projetos possibilitam novas maneiras de aprender velhos conteúdos de maneira mais interessante, pois o estudante torna-se protagonista na construção do conhecimento e desenvolve outras aprendizagens além da cognitiva, como a aprendizagem afetiva e psicomotora.

O projeto didático-pedagógico tem como principal objetivo o ensino de forma diferenciada, envolvendo diretamente as competências e habilidades dos estudantes. Há diferentes tipos de projetos didáticos, porém o mais atraente é aquele interdisciplinar, pois trabalha com as diversas áreas do conhecimento, envolvendo e desenvolvendo as inteligências múltiplas. Todavia, deve-se estar ciente de que não é fácil elaborar e executar um projeto interdisciplinar. Requer tempo, bom planejamento e poder de persuasão, pois é imprescindível a participação de professores de outras áreas.

Por fim, é importante entender que um bom projeto deve atentar para as reais necessidades da escola. Para isso é necessário que antes de tudo, o professor busque conhecer quais

são as situações-problemas que precisam ser solucionadas e quais as vontades e interesses dos alunos. É também necessário que as diferenças existentes na sala de aula sejam contempladas com projetos que tragam soluções reais para as dificuldades de ensino e aprendizagem. Nesse sentido Perrenoud (*apud* AMBROSETTI, 1999, p.82) esclarece que:

Seja qual for o grau de seleção prévia, ensinar é confrontar-se com um grupo “heterogêneo” (do ponto de vista das atitudes, do capital escolar, do capital cultural, dos projetos, das personalidades etc...). Ensinar é ignorar ou reconhecer estas diferenças, sancioná-las ou tentar neutralizá-las, fabricar o sucesso ou o insucesso através da avaliação formal e informal, construir identidades e trajetórias.

Isso significa dizer que o ensino comprometido com a verdadeira educação reconhece as diferenças existentes e as considera com uma riqueza que impulsiona diferentes aprendizagens e resultados satisfatórios, o que traduz a proposta da interculturalidade.

Finalizando essa breve fundamentação segue o Projeto de Aprendizagem apresentado na oficina aos professores. Ressalta-se que as possibilidades são infinitas quando se usa a criatividade e espírito investigativo. Dessa forma, esse estudo é mais uma contribuição para o ensino, pois as alternativas não se esgotam.

Projeto de Aprendizagem: rede, pra que te quero

O projeto intitulado “Rede, pra que te quero” foi elaborado considerando três eixos de análise: conceitual, procedimental e atitudinal, cuja perspectiva visa facilitar e organizar o processo de ensino aprendizagem de forma que o

professor possa ver com clareza o que pretende ensinar, porém, não somente pela ótica do que quer ensinar, mas, possibilitando a influência do meio e o interesse do aluno, de modo que valorize a abordagem comunicativa e interativa norteada pela teoria ausubeliana que considera que o fator mais determinante na aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe.

Os objetivos descritos no projeto visam superar o sentido tradicional de pensar o objetivo como meta específica desvinculada dos conteúdos e metodologias, indo, portanto, além dos aspectos que norteiam a práxis docente, pois, os conteúdos e metodologia se fundem articulados às situações reais da vida cotidiana.

O primeiro ano de implantação do PEIF na região fomentou uma série de questionamentos concernentes à oralidade e multilinguismo (comunicação, interação, variações linguísticas, preconceito, discriminação); interculturalidade (culturas, formas de organização e produção do conhecimento nos mais variados espaços sociais, educacionais fronteira fluida e lugar de encontro) e por fim o acompanhamento pedagógico nas escolas de fronteira que permitem acender o debate sobre as relações educacionais, promovendo as trocas culturais e simbólicas ao permitir a coexistência das culturas em uma condição de horizontalidade, diminuindo as fronteiras entre as culturas.

Assim, a proposta de Projeto de Ensino Aprendizagem foi adaptada da literatura utilizada

na formação de professores correspondentes aos módulos I e III com algumas adaptações para a realidade dos três municípios e visa mesclar experiências pedagógicas cuja asserção propicie por meio da interculturalidade o diálogo entre as culturas e as áreas de conhecimento. A escolha do título do projeto decorre do reconhecimento da importância da valorização dos elementos culturais existentes nos três países fronteiriços (Brasil, Colômbia e Peru).

A palavra rede possui uma polissemia de sentidos e usos, neste projeto destacaram-se três significados: a rede como objeto de descanso, alimento e de conhecimento. A primeira, na ordem inversa da análise, promove o descanso, aqui entendido como necessidade física e mental que promove no ser humano sensação de bem estar necessária para a revitalização das forças para um novo recomeço seja no trabalho, seja nas relações, enfim em qualquer atividade que exija esforço ou até mesmo pausa para reflexão.

A rede que alimenta tem implicação direta nas relações de trabalho, afinal é nela que o ser humano busca a subsistência, se torna independente, possibilita as relações de convivência extra e interinstitucionais e pode ter como princípio a facilitação dos acessos aos meios necessários para que os profissionais possam realizar suas atividades laborais de forma satisfatória visando atender as necessidades da (s) instituição (ões) a (s) qual (is) possui vínculo(s) sem se desumanizar.

As relações estabelecidas neste tipo de rede devem extrapolar os limites dos espaços físicos de trabalho e ascender a novas situações e espaços na tentativa de fortalecer os vínculos entre as pessoas, por vezes colocados em último plano por ações repetitivas, mecânicas e desumanizadoras provenientes do trabalho.

Tratando de rede de conhecimento na perspectiva da tecnologia pode-se dizer que esta facilita significativamente o fluxo e interfluxo das informações, reduz o tempo, possibilitando às pessoas realizar outras atividades, a escolha das suas necessidades ou vontades permitem conexões à longa e curta distância, permite a formação intelectual, profissional e de outras ordens.

Porém, é passível de reconhecimento seu caráter destrutivo quando utilizada de forma inadequada, seja para impedir o acesso ao uso pelas pessoas, ao expor a situações vexatórias, ou colocar em risco a vida das pessoas, seja também por formas ilícitas de aproveitamento financeiro, intelectual e relacional para gozar de prestígio perante a sociedade.

Na região do Alto Solimões, a tecnologia é importante quando utilizada na perspectiva sustentável, reconhecidamente valorosa na comunicação e interação das pessoas, todavia, se reconhece outras formas de estabelecimento das relações nas quais o contato com o outro propicia a sensibilidade e exprime a preocupação mais intensa como, o cuidado.

Convém orientar os discentes desde os primeiros anos da escolarização a encontrar no

alimento oriundo do trabalho, no descanso e na socialização do conhecimento formas alternativas que propiciem equilíbrio a si e aos outros, evitando causar prejuízos que, às vezes, se tornam irreversíveis, assim como o desenvolvimento de políticas públicas que possam contribuir para a integração regional.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na oficina de elaboração do Projeto de ensino aprendizagem referente ao III seminário temático “Educação e Interculturalidade na Fronteira da Amazônia: Construindo a Interculturalidade”, envolveu reunião com a equipe do PEIF e no período de realização do módulo, contou com a presença dos cursistas de seis escolas vinculadas ao PEIF, a saber Escolas municipais situadas em Benjamin Constant: CESBI, Cosme Jean, Sofia Barbosa e em Tabatinga: João Ayres Cruz, Fábio Lucena e Ambrósio Bemerguy. Vale ressaltar que as Escolas Municipais de Atalaia do Norte: Luciney Mello e Raimunda Galate também tiveram formação, mas em outro período, pois devido a questões logísticas não puderam participar no período da realização do III seminário.

Os cursistas receberam material (artigos produzidos pelo Centro de Formação Continuada - CEFORT) para aporte teórico em formato impresso e digital, além de material complementar em formato de texto e slides para embasamento teórico referente aos temas de interculturalidade, fronteira, variações linguísticas, projeto de ensino aprendizagem e sequência didática. Além disso,

foram realizadas oficinas para elaboração do projeto e sequências didáticas coordenadas pela equipe de formadores e tutores da Universidade Federal do Amazonas.

Para a socialização do projeto, os grupos de cursistas foram divididos por escola e desenvolveram as ações de acordo com a estrutura do projeto, e fizeram as adequações de acordo com a realidade de cada escola e elaboraram novas proposituras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos professores refere-se ao planejamento das atividades didáticas em sala de aula. Outro aspecto, socializado diz respeito às condições materiais e humanas para a consolidação de algumas ações a serem desenvolvidas neste período inicial de implantação do PEIF nas escolas vinculadas ao programa. Apesar de ser ainda um desafio para alguns professores relacionar teoria e prática, as ações por intermédio do PEIF possibilitaram o exercício dialógico e pragmático estreitando, assim, essa relação.

Nesse sentido, as oficinas que foram realizadas oportunizaram aos cursistas o acesso a um projeto de aprendizagem elaborado pela equipe da Universidade, que demonstrou as diversas possibilidades que podem ser trabalhadas dentro da sala de aula, a partir de uma temática da realidade do aluno.

Para principiar a oficina foi apresentado o objetivo geral do projeto que consistia em

aprofundar o conhecimento dos discentes sobre o papel da “rede” enquanto objeto de descanso, de trabalho e de conhecimento intercultural no campo interdisciplinar nos anos iniciais. Esse objetivo foi desdobrado em vários objetivos específicos que seriam trabalhados nas sequências didáticas. Considerando o espaço desse artigo, serão destacados apenas alguns desses objetivos discutidos com os cursistas do PEIF.

Os objetivos foram classificados em: i) Objetivos conceituais: Conceituar rede (polissemia); (Rede- Língua Portuguesa; HAMACA - em espanhol) (NAPA - na Língua Ticuna); Abordar os aspectos socioculturais e econômicos da tecelagem manual e industrial; Reconhecer as variações linguísticas (Brasil: Criança, nenê, bebê; Curumim, Cunhantã - indígena; Peru; Niño, niña; Colômbia: Niño, Niña, Pelao, para fins de comparação da forma escrita e oral.

ii) Objetivos procedimentais: Comparar uma música regional (cultura indígena, sociedade emergente, - ritmos e estilos musicais do Brasil, do Peru e da Colômbia); Valorizar os conhecimentos matemáticos e artísticos presentes no traçado da rede; Coletar relatos sobre a vida do pescador relacionados com os desafios da profissão, suas necessidades, seus sonhos de realização;

iii) Objetivos Atitudinais: Comparar os estilos de redes confeccionadas no Brasil, no Peru e na Colômbia; Refletir sobre o papel da tecnologia como ferramenta de informação, formação, ensino-aprendizagem, venda, compra,

relações sociais e afetivas, trocas e aquisições de materiais; Reconhecer o papel da rede como instrumento de descanso e sua facilidade de transporte nas viagens de barco.

Quando foram apresentados os objetivos do projeto, os cursistas perceberam que a partir da palavra “rede” várias temáticas distintas eram geradas como formas de conhecimento das diferentes áreas. Quer dizer, que “a rede” deixou de representar apenas um objeto de descanso e de trabalho, foi, além disso. Diante disso, alguns cursistas perceberam que esse tipo de proposta é muito interessante de ser trabalhada em sala de aula e que assim é possível trabalhar muitos conteúdos exigidos nas disciplinas do currículo, tanto da Base Nacional Comum, quanto da Parte Diversificada. Nesse sentido, os formadores reforçaram que essa era a ideia central do PEIF. Ou seja, o professor não precisa necessariamente alterar seu planejamento inicial, porém, ele pode tratar os “velhos conteúdos” de uma forma diferenciada, com um enfoque intercultural. Alguns autores consideram que os conceitos podem ser abordados em atividades teóricas, outras em atividades práticas. No PEIF, ambas as formas são aceitas, pois o importante é incorporar a proposta em todas as atividades escolares e não em ocasiões específicas, como nas datas comemorativas, por exemplo. É importante, entender que essa proposta perpassa o currículo escolar, mas deve ser contemplada em todos os conteúdos disciplinares.

Nessa discussão, foram apresentados alguns obstáculos à implantação dessa proposta nas escolas, como: a falta de domínio das línguas; materiais didáticos que contemplem a realidade local tanto sociocultural e linguística; a formação docente que não contempla essas perspectivas de ensino, enfim, o próprio sistema educacional que inviabiliza uma educação plena, uma vez que as políticas públicas ainda são muito rígidas levando o docente às práticas de reprodução e memorização de conteúdo.

Analisando essas dificuldades apresentadas pelos docentes refletiu-se sobre as possibilidades para superar tais barreiras que impedem o desenvolvimento de um ensino de qualidade através de um currículo diversificado. Sendo assim, foram apresentadas algumas sugestões que podem ser executadas ao longo do tempo, por ambas as instituições, como por exemplo: Cursos de Língua Espanhola e Língua Tikuna poderiam ser promovidos pela Universidade uma vez que há profissionais habilitados dentro da instituição; quanto ao material didático cogitou-se a possibilidade de produzir esses materiais dentro das próprias escolas considerando os saberes de cada docente que vive e trabalha nessa região de fronteira.

Durante a apresentação do projeto as discussões fluíram de forma espontânea por parte de alguns cursistas que declararam que trabalhavam essas temáticas regionais e culturais, entretanto, reconheciam que faltava a abordagem intercultural. Quanto a isso orientou-se que a

elaboração de um projeto de aprendizagem na perspectiva intercultural precisa visar a realidade cultural e linguística dos alunos considerando as suas diferenças identitárias.

Por fim, verificou-se, no desenvolvimento das ações realizadas, a necessidade de acompanhamento mais intenso e efetivo em sala de aula para detecção das fragilidades provenientes da aplicação do conhecimento teórico-prático e para a elaboração de novas propostas interculturais. Acredita-se que a inserção dos pedagogos das escolas vinculadas ao PEIF possibilitará a articulação destes com os professores para facilitação do trabalho pedagógico nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização das várias atividades desenvolvidas no PEIF acredita-se que a proposta do uso do projeto de aprendizagem e das sequências didáticas como maneira de planejar as aulas seja muito interessante para o alcance de objetivos interculturais. Porém, conclui-se que o trabalho inicial precisa de uma continuidade para que os resultados sejam mais satisfatórios e eficazes.

Preocupações, dúvidas, incertezas, angústias estão presentes nas mentes dos profissionais que acreditaram na proposta intercultural e indubitavelmente, cabe a nós prosseguir com o trabalho independente das políticas públicas, pois, como já foi dito, é imprescindível ter ousadia para conhecer novas possibilidades e promover mudanças; a inércia em

que se encontram muitos profissionais, precisa ser quebrada, por novas ideias e crenças de que é possível fazer um trabalho docente com criatividade, dignidade e obter bons resultados.

REFERÊNCIAS

AMBROSETTI, N. B. O “eu” e o “nós”: trabalhando com a diversidade em sala de aula. In: ANDRÉ, M. (Org). **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999, p. 81-105.

BRASIL. Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, DF, 23 de dez. 1996.

BRASIL. Lei Nº 11.645, DE 10 Março de 2008. Presidência da República. Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Diário Oficial da União de 11.03.2008.

DURANTI, A. **Antropologia Lingüística**. Trad. Pedro Tena, Madrid: Cambridge University Press, 2000, 513p.

MENDES, E. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem de ensino intercultural. In. MENDES, E. CASTRO, M. L.

(Orgs.) **Saberes em Português: ensino e formação docente**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008, 203p.

NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2007, 196p.

ROMÃO, J. E. **Pedagogia Dialógica**. São Paulo: Cortez, 2002, 152p.

SANTIAGO, M. C.; AKKARI, A. & MARQUES, L. P. **Educação Intercultural: desafios e possibilidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 200p.